

# Michel Foucault e a teoria *queer*

*Michel Foucault and the queer theory*

**Cristiane Maria Marinho**

*Doutora em Educação – UFC  
Professora da Universidade Estadual do Ceará – UECE  
Doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Goiás – UFG  
cmarinho2004@gmail.com*

**Elias Ferreira Veras**

*Doutor em História Cultural – UFSC  
Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE-FAFIDAM  
Coordenador do Grupo de Estudos em História,  
Gênero e Sexualidade (GEHGS-UECE-FAFIDAM)  
eliashistoria@yahoo.com.br*

# APRESENTAÇÃO

O primeiro volume da *História da sexualidade*: a vontade de saber, de Michel Foucault, publicado em 1976, é tido por várixs estudiosxs (SPARGO, 2006; HALPERIN, 2007; BUTLER, 2008; PRECIADO, 2008; LOURO, 2009) como um referencial inspirador da teoria *queer*. Nessa obra, o filósofo francês parte da recusa da “hipótese repressiva” para problematizar a proliferação discursiva em torno do sexo (e da sua verdade), no século XIX, momento no qual se constituiu, no Ocidente, um novo saber-poder sobre o sexo-corpo-subjetividade: a “*scientia sexual*”. Nesse sentido, para Foucault interessava questionar a relação entre discursos e verdades produzidos pelo poder.

É o caso, por exemplo, da homossexualidade moderna, que, segundo Foucault, é uma categoria recente, nascida em um “*contexto particular por volta de 1870 e que, como a sexualidade em geral, deveria ser vista como uma categoria de saber construída em vez de uma identidade descoberta*” (SPARGO, 2006, p. 16). Não que a prática homoerótica não existisse antes, inclusive condenada pela Igreja e pela Lei, mas a partir do final do século XIX passa a existir o controle dessa prática sexual, a qual passa a ser vista como uma “espécie”, uma “aberração” de ser humano que tinha uma sexualidade perversa (FOUCAULT, 2009).

Foucault revela que o homossexual era objeto de estudo da medicina do século XIX, juntamente com outras sexualidades “desviantes”, bem como as crianças, as mulheres e toda a classe trabalhadora. Todos estavam sob um foco de estratégias que visava o controle da população e sua procriação para o atendimento das necessidades do sistema capitalista nascente. A família burguesa, garantidora da geração da força de trabalho, era responsável pelo comportamento sexual dos seus membros, em especial a vigilância da masturbação infantil e da prática da sodomia, que pudesse comprometer a procriação tão necessária ao capital.

Para Tamsim Spargo (2006, p.06), a análise foucaultiana das inter-relações de saber, poder e sexualidade foi o “*mais importante catalisador intelectual da teoria queer*”, ainda que esclareça que Foucault não é a “origem” da teoria *queer*, nem a teoria *queer* é o “destino” do pensamen-

to de Foucault. Por sua vez, na reflexão pioneira que faz sobre a “política *queer* de Foucault” e sua apropriação norte-americana, em um contexto marcado pelos efeitos da política conservadora de R. Reagan e da emergência da Aids naquele país, David Halperin também lembra que a política *queer* foi marcada pela *História da sexualidade*: a vontade de saber. Ainda segundo Halperin, era tão comum a referência a esta obra entre os ativistas da luta contra a Aids, na década de 1990, quanto ao *Manifesto comunista* entre os sindicalistas de 1930. Assim, concordamos com Guacira Lopes Louro (2009), quando afirma que, embora não seja coerente falar em “origem”, é inegável que o pensamento foucaultiano e a perspectiva *queer* estão enredados, sendo as ideias do filósofo “*uma das condições de possibilidade para a construção de um modo queer de ser e pensar*” (idem, p.136), sendo esta relação a questão central que norteia o presente Dossiê.

Como poderemos perceber nos textos que compõem o Dossiê, Foucault inspirou e continua a inspirar xs teóricxs *queer*, principalmente em duas vertentes: primeiro, a problematizar o corpo, a sexualidade e o gênero como dispositivos históricos, constituídos por vontades de saber-poder-verdade, ao mesmo tempo atravessados por resistências múltiplas; segundo, ao mostrar que a sexualidade não é um fato natural da vida humana, mas uma categoria construída das experiências históricas, sociais e culturais, mas também que as “*sexualidades disparatadas* acolhem sujeitos e práticas que negam ou contrariam as normas regulatórias das sociedades” (LOURO, 2009, p. 137).

Desse modo, a emergência *queer* teve o aporte do pensamento foucaultiano sobre a relação entre sexualidade, discurso, saber e poder, tendo, ambos, construído alianças com os “anormais”, “estigmatizados”, “abjetos”, ou seja, *queer*. No contexto norte-americano, esse termo pode ser traduzido por “bizarro”, enquanto que, no Brasil, pode ser traduzido por “bicha”, “baitola”, “viado”, “sapatão”, “traveco”. Do lado de lá e de cá das Américas, aponta para vidas marcadas pelo insulto e a injúria homofóbica, lesbofóbica e transfóbica, mas também para suas reapropriações como resistência *queer*, viada, sapatão e traveca.

O termo *queer* passa a ter uma conotação transgressora de diferenças que não pretendem ser meramente assimiladas ou toleradas. Na teoria *queer*, é possível pensar em uma sexualidade dentro de uma variedade de identidades possíveis, desnaturalizadas e que fissuram os gêneros heteronormativos. O *queer* não busca simplesmente a afirmação de uma identidade numa oposição binária tal como existente nos termos hétero-homossexualidade.

Tanto Foucault quanto a nova e radical forma de política e epistemologia *queer* têm como característica marcante a resistência à normalização, seja aquela promovida pela “*scientia sexual*”, cujos dispositivos continuam atravessando os corpos pós-vitorianos, seja aquela presente também na política de identidades, que, na década de 1990, passa a ser questionada pelas sexualidades dissidentes – termo caro ao pensamento foucaultiano e *queer* – pelo seu caráter normalizador e excludente.

Nesse sentido, acreditamos ser possível falar de uma resistência *queer* presente no corpo heterotópico-*queer*, como aquele que se contrapõe à homogeneização da subjetividade e resiste aos processos de subjetivação identitária. Compreende-se aqui o termo foucaultiano de heterotopia se opondo à utopia: utopia como não lugar; e heterotopia correspondendo às unidades espaço-temporais, espaços-tempos que “*têm em comum serem lugares onde estou e não estou*” “*ou onde sou outro*”, “*ritualizam cortes, limiaries, desvios e os localizam*” (DEFERT, 2013, p. 36-37). Portanto, falamos do corpo heterotópico-*queer*, dentro da perspectiva de resistência, como sendo uma forma de estética da existência, contra a disciplina, o controle, a biopolítica etc. O corpo que resiste como realização de obra de arte, atualização do cuidado de si como prática de liberdade, tal como pensado na filosofia foucaultiana.

Mas essa resistência implica em armadilhas. A resistência efetivada que traz um corpo heterotópico também traz a possibilidade de cooptação desse mesmo corpo heterotópico. Nessa perspectiva, e atualizando a interrogação de Deleuze (1998) sobre o questionamento que Spinoza (2011) faz sobre o corpo, cabe a pergunta: O que pode um corpo heterotópico-*queer*? Foucault afirma que onde há poder, há re-

sistência. É a partir daí que podemos afirmar que o corpo heterotópico se pretende um corpo não capturado pelo poder, um corpo-resistência. Para Deleuze (2006), o corpo é simulacro, cópia malfeita em relação ao modelo. Simulacro compreendido aí como rebeldia, desobediência ao modelo. Por vezes, queremos ver no simulacro não sua singularidade, mas a infelicidade de não conseguir fazer uma cópia perfeita do modelo. Esse engano acontece porque nosso olhar é viciado na e em representação, na e em identidade (MARINHO, 2015).

São nesses diversos sentidos que os textos que compõem este Dossiê estão atravessados pelas ressonâncias e resistências foucaultianas-*queer*. Neles, percebemos as apropriações tropicais dessas perspectivas “estrangeiras”. O que Foucault ainda tem a nos dizer sobre o corpo, a sexualidade, o gênero? Como a teoria *queer*, que emerge em um contexto histórico-político-linguístico-acadêmico específico, pode contribuir para pensarmos as questões históricas e contemporâneas brasileiras em torno dos “anormais”, “desviados”, “estigmatizados”, “abjetos”? Se a trajetória de Foucault, tanto quanto dos primeiros ativistas *queer*, não dissociaram teoria de ação política, quais ferramentas ainda podem ser empregadas ou quais novas foram inventadas – levando em consideração as peculiaridades brasileiras –, na política de resistência contra a máquina binária heteronormativa, a favor da construção de um mundo mais igualitário e de liberdade?

Em *Alianças queer e política anti-guerra*, texto de Judith Butler, temos que a reivindicação por liberdade é não somente uma tarefa social, mas um modo de ocupar e transformar o espaço público, o que nos leva a nos comprometer a um projeto radical de igualdade. As reivindicações ligadas ao direito de aparecer na rua e exercer a liberdade, sem ameaça de violência, que as pessoas trans estão fazendo são paradigmáticas dessas novas alianças políticas transformadoras: “*a liberdade de expressão tornar-se um exercício de liberdade em aliança*”.

No artigo intitulado *As lições perigosas do professor Foucault*, Alexandre Simão de Freitas, com base nos trabalhos tardios de Michel Foucault, aborda o combate travado contra a experiência aberta pelo

*pathos* no pensamento ocidental, defendendo que os estados passionais podem funcionar como operadores indiscretos que desconstroem as fixações identitárias, e alterar nossa relação com a diferença e delinear uma estilística da existência.

Luiz Felipe Zago, em seu artigo *Conhecimento em tempos de ódio: a pesquisa não fascista e a pesquisa impertinente com gênero e sexualidade*, reforça o engajamento democrático, não fascista das pesquisas com gênero e sexualidade nas Ciências Humanas e Sociais, apontando elementos da obra de Michel Foucault e de Judith Butler.

O percurso metodológico de uma pesquisa documental realizada em 32 livros das áreas da medicina, psicologia e educação, publicados no Brasil, entre as décadas de 1920 a 1970, sobre como médicos, psicólogos e educadores se posicionavam acerca do tema da homossexualidade, tendo como aporte analítico a teoria *queer*, é apresentado por Jackson Ronie Sá-Silva, Edla Eggert, no artigo *A construção de uma pedagogia dos manuais médicos: um olhar queer sobre os discursos médicos da homossexualidade no século XX*.

*A imagem do corpo entre a dignidade, a subalternização e a violência* é o artigo no qual Thiago Fernando Sant’Anna e Welson Barbosa Santos, subsidiados por Michel Foucault e a Teoria *Queer*, discutem o corpo reinventado pelas tecnologias da violência e como efeito dos dispositivos de subalternidade, utilizando, para tanto, imagem feita em montagem digital e narrativas jornalísticas.

Em *Possibilidades de conexão: Michel Foucault, relações de gênero e estudos queer*, Fábio Henrique parte da pesquisa “Travestilidade e ditadura civil-militar. Violências, repressão e censura no Rio de Janeiro”, para explorar possíveis conexões entre algumas proposições de Michel Foucault, estudos de gênero e os estudos *queer*.

Ao desafiarem nossas suposições naturalizadas sobre sexo, gênero, sexualidade e a produção de políticas de identidades normatizadoras intrínsecas às construções binárias, o pensamento foucaultiano e os estudos *queer* criaram novas ferramentas teórico-políticas de subversão crítica dos “regimes de verdade” estabelecidos.

As resistências residem na desconstrução e desnaturalização da “normalidade”; na crítica à interpretação das diferenças como “anormalidade” e na possibilidade de uma estética da existência das vidas abjetas, que escapem às estratégias de colonialidade ocidental e possibilitem a subversão de processos de sexualização.

A potência de tais reflexões ainda se encontra na possibilidade de crítica à heterossexualidade como norma e como regime político, que produz compulsivamente homens e mulheres definidos a partir dos seus sexos biológicos. Tal operação fundante das desigualdades entre os sujeitos, que exclui homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais não apenas da produção do conhecimento, mas da própria condição de humanos, é o alvo do pensamento pirotécnico foucaultiano e *queer*, sempre dispostos a abalar as invenções que as normas cobrem de verdades inquestionáveis.

Fortaleza, 15 de junho de 2017

## Referências

- DEFERT, Daniel. “Heterotopia”: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles (Posfácio). In: *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Vol. IV: estratégias, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 222-240
- HALPERIN, DAVID. *San Foucault: por una hagiografía gay*. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos *queer*. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

MARINHO, Cristiane. Corpo heterotópico como resistência aos processos de subjetivação identitária: algumas questões filosófico-educacionais [online]. Texto apresentado no *IX Colóquio Internacional Michel Foucault*, no Recife, em 16 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/?textos,37>. Acesso em 20 de abril de 2017.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.